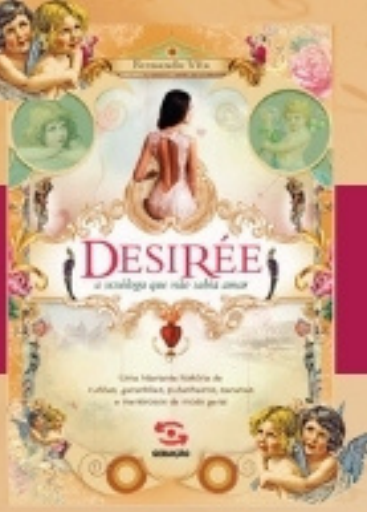
DESIRÉE

LANÇAMENTO

a sexóloga que não sabia amar



DESIRÉE, A SEXÓLOGA QUE NÃO SABIA AMAR,
O NOVO LIVRO DE FERNANDO VITA

Desirée, a sexóloga que não sabia amar – uma hilariante história de rufiões, garanhões, putanheiros, sacanas e mentirosos de modo geral é o mais novo livro do jornalista e escritor baiano Fernando Vita, que acaba de ser lançado pela Geração Editorial e já está à venda em todo o Brasil, nos formatos impresso e e-book.

Assim como em suas três últimas obras, ***Cartas Anônimas*** (2011), ***O Avião de Noé*** (2016) e ***República dos Mentecaptos*** (2019), também da Geração, a história se passa em Todavia, cidade imaginária situada no Recôncavo baiano, e conta as aventuras e desventuras de uma jovem médica, a doutora Desirée D'Anunciação dos Prazeres, bela, sensual e bem-nascida, especialista em clínica geral, sexológica e psicológica, recém-casada com um geólogo recrutado para trabalhar em uma mina de manganês, e que é levada pelo destino a trocar a Cidade da Bahia, nos fins dos incríveis anos sessenta, pela surreal cidadezinha e os seus não menos surreais dez mil habitantes.

E se vê, de repente, ante um mundo completamente diverso do seu, em todos os sentidos: nas gentes, nos modos, nos costumes e até, e principalmente, na forma de encarar — e praticar — o sexo, tanto na proa da perpetuação da espécie, quanto na lúdica e criativa busca do melhor prazer debaixo dos lençóis ou em cima deles, mesmo em anos tão marcadamente ousados, desassombrados e transformadores como foram os sessenta do século passado.

Aí Desirée se transforma, como médica e como mulher. E o seu marido, o jovem engenheiro Hélio, de igual boa estampa e berço, também.

Ela, com as lições de sexo, teóricas e práticas, que recebe de seus clientes no dia a dia do consultório, na louca Todavia, tendo sempre como fiel consultora a trepidante Olinda Helena, aplicada atendente, experiente e rodada nas mais inusitadas artes e manhas das trampolinagens de homem e mulher — ou não! — no escurinho das alcovas.

Ele, desperto na nova e prosaica vida de província para atividades de plantar e colher em hortas, com o concurso da amizade de um cidadão inglês, que lá vivia de comprar, beneficiar e exportar folhas de fumo para o mundo, dispersando o ócio com disputas de partidas de tênis dele contra ele mesmo, também adere às farras e esbórnias, verdadeiros bacanais orgiásticos em que valia tudo, dignos de Sodoma e Gomorra, que o dito Inglês amiúde promovia em sua casa, sempre com a presença dos maiorais de Todavia.

E ambos, Desirée e Hélio, se redescobrem e se reinventam, cada qual a seu modo, nesse minúsculo universo da mítica Todavia, em meio a personagens únicos, muitos deles já conhecidos de três dos quatro romances anteriores do autor — T***irem a doidinha da sala que vai começar a novela***; ***Cartas Anônimas***; ***O avião de Noé*** e ***República dos Mentecaptos*** — todos do catálogo da Geração Editorial.

São eles o velho médico José Fonseca que, prestes a se aposentar na profissão, doa à nova médica as fichas de prontuários dos seus antigos clientes, prenhes das suas mazelas clínicas, psicológicas e sexuais; o monsenhor calabrês Giuseppe Galvani, um pároco pouco ortodoxo com as coisas da Igreja, os segredos de confessionário e as práticas do celibato; o poeta parnasiano Correa de Melo, um tabelião de cartório onomaníaco e ardentemente apaixonado pela bela doutora; o prefeito AMB, eterno dono dos votos e dos destinos daquele prosaico pedaço de Bahia; o caminhoneiro Salvador França, dono de um Fenemê trucado de cara curta, seu espírito aventureiro e suas estrambólicas histórias vividas mundo afora; e Dega, um jogador de futebol, craque na prática do “majestoso carro alegórico”, modo de folia sexual exclusiva de Todavia e que encantava a sua amante, justo a ruiva atendente do consultório da doutora Desirée, Olinda Helena. Está de volta também o sestroso gato Bangu, com seus vícios e manhas, a fugir, fugir sempre, como uma saga, da sua vida e das suas circunstâncias.

E a trama culmina em final surpreendente, inesperado, tudo com o tempero apimentado do falar e viver baianos, com a marca registrada do autor e do seu estilo único de narrativa, fazendo de ***Desirée, a sexóloga que não sabia amar*** um romance de entretenimento inédito no que conta; inovador na forma; ousado e abusado em trazer a lume o que já promete no subtítulo: ***Uma hilariante história de rufiões, garanhões, putanheiros, sacanas e mentirosos de modo geral***.

Fernando Vita não nega a forte influência em sua obra de mestres da linguagem, como José Saramago, e de magos no descrever mundos imaginários ou não, como Gabriel Garcia Márquez, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro. “Muitos dos meus personagens – e não falo daqueles identificados com os próprios nomes – eu os conheci nas ruas e praças da minha Todavia. Para compor alguns, dei umas pinceladas mais fortes nas cores da loucura, da esperteza, da safadeza. Já em outros casos, até amenizei as características, porque eles eram, já de berço, uns bons e criativos rufiões, putanheiros e exímios sacanas, dos pés à cabeça, sem que eu precisasse contribuir em nada para tanto.”

Desirée, a sexóloga que não sabia amar, segundo Fernando Vita, não encerra ainda o ciclo de obras ambientadas na surreal Todavia. “Pensei mesmo em, bem feliz, encerrar o ciclo com ***República dos Mentecaptos,*** porque sempre quis um dia ousar escrever algum romance que fosse mais enfático na mistura de alguns fatos bem reais com uns outros imaginários, personagens verdadeiros – alguns vivos, outros muito vivos! - com outros saídos da minha imaginação. Uma espécie de biografia ficcional, o que os mais modernos que eu tratariam por autoficção, uma prática nova e da moda, daí que foi que assim que nasceu o ***Desirée***. Mas, sempre ao remexer nos meus guardados memoriais para dar cabo de escrever um novo livro, outras absurdas tramas me aparecem, e eu, pelo menos por enquanto, não as vejo se desenrolando fora de Todavia”.

Segundo ele, agora ou como quando escreveu seus romances anteriores, a tarefa foi muito facilitada por ter convivido, nos primeiros quinze anos de vida, com os muitos e variegados pirados de sua Todavia. “Garcia Márquez tem a sua Macondo; o siciliano Andrea Camilleri, a sua Vigàta; por que eu não poderia imaginar e fazer-me dono da minha tão cara e sempre assaz lembrada Todavia? E assim se dá”.

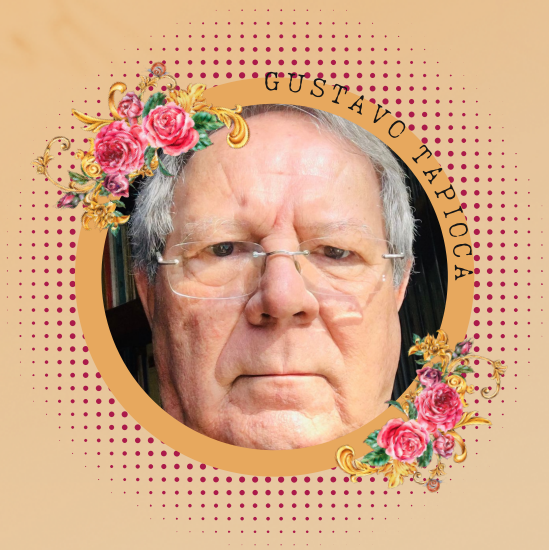
ALGUMAS OPINIÕES DE QUEM JÁ LEU O LIVRO

Desirée, a sexóloga que não sabia amar tem recebido de expoentes das letras e do jornalismo baiano os melhores elogios. O radialista Mário Kértesz, um dos mais influentes formadores de opinião da Bahia, que foi o primeiro a ler os originais do livro, o considera o mais divertido, ambicioso e inovador, do ponto de vista de técnica romanesca, entre todos os romances escritos por Fernando Vita.

Já o jornalista, escritor e publicitário João Santana Filho, contemporâneo de Fernando Vita na redação do já extinto Jornal da Bahia quando ambos davam os primeiros passos no jornalismo, classifica ***Desirée, a sexóloga que não sabia amar*** como "a consolidação plena do estilo único do autor e a eternização de Todavia na sua fabulação". E conclui: "Em tempos tão falsamente puritanos, nada melhor que esta torrente de desrepressão e de delicioso mergulho na libido popular".

O sociólogo, jornalista, escritor e professor da Universidade Federal da Bahia Gustavo Falcón é enfático em destacar que ***"Desirée, a sexóloga que não sabia amar*** é a rara oportunidade de contato entre dois mundos que pouco se comunicam, embora habitem o mesmo espaço. O sexo e os seus mistérios permitem que uma granfina médica mergulhe fundo nas fantasias e perversões de tipos populares, o que, na Todavia de Fernando Vita, ganhou força telúrica incomum. Sacanagens, putarias, porcarias e prazeres invadem o cotidiano da sexóloga, no aparente marasmo de uma terra onde falta quase tudo, menos a energia dos instintos mais baixos e criativos. Com este novo livro, Fernando Vita vai enriquecendo a sua narrativa lítero/sociológica de Todavia, uma autêntica cidade brasileira, capital do que há de mais singular nos porões da alma dos todavienses: a inclinação desmedida, para o que, os de cima tratam como estudo, e os de baixo, praticam como loucos".

O antropólogo e escritor Antônio Risério, um dos mais respeitados intelectuais brasileiros, diz que ***Desirée, a sexóloga que não sabia amar*** "é divertidíssimo. Adorei a expressão 'segundo distrito' (como sinônimo de cu) que não conhecia e vou passar a usar. Os personagens são ótimos, do monsenhor Giuseppe Galvani a Maria Vinte e Um. E incluo entre os personagens, obviamente, o gato Bangu (não é todo mundo que sabe lidar com bicho em novela, romance ou mesmo cinema)".



O jornalista e escritor Gustavo Tapioca depõe: "Cheguei à última página de ***Desirée*** com um gostinho de quero mais. E ao terminar a divertidíssima leitura, sou levado a citar o autor francês Georges Bataille, em seu O Erotismo: *'O erotismo é a dança, propriamente humana, que se dá entre dois polos, o do interdito e o da transgressão. O interdito, a proibição, o mundo do trabalho, da identidade, da conservação, da descontinuidade, torna o homem humano. Mas também faz dele uma coisa'*."

Já o jornalista, escritor e publicitário Marcelo Simões escreveu: "Ao ler ***Desirée, a sexóloga que não sabia amar***, cheguei a pensar que, se não morri vitimado pela pandemia, morreria sufocado de tanto rir, de tanto gargalhar. Vou além da história, dos personagens, das expressões, do cenário. O que me impressiona, pelo ineditismo, é o aperfeiçoamento da narrativa, a originalidade na formatação do texto, a disruptura na burocracia gramatical, sem que haja qualquer tipo de incorreção. É genial, sim. Não tem outro adjetivo".

FALA O AUTOR

O LIVRO: *"Sempre pensei em um dia ousar escrever algum romance que fosse mais ambicioso em tentar misturar fatos bem reais com outros imaginários, personagens verdadeiros – alguns vivos, outros muito vivos! – com outros saídos da minha imaginação, uma espécie de biografia ficcional, o que os mais modernos que eu tratariam por autoficção, uma palavra nova e da moda, e assim nasceu* **Desirée***... Confesso que a tarefa me foi facilitada por ter convivido, nos meus primeiros quinze anos de vida, com os muitos e variegados pirados de Todavia – Márquez tem a sua Macondo e os seus malucos; o siciliano Andrea Camilleri, a sua Vigàta e os seus tontos da razão; por que eu não poderia imaginar e fazer-me dono da minha tão cara e sempre assaz lembrada Todavia, com todos os doidos que lá habitam? - e assim se dá".*

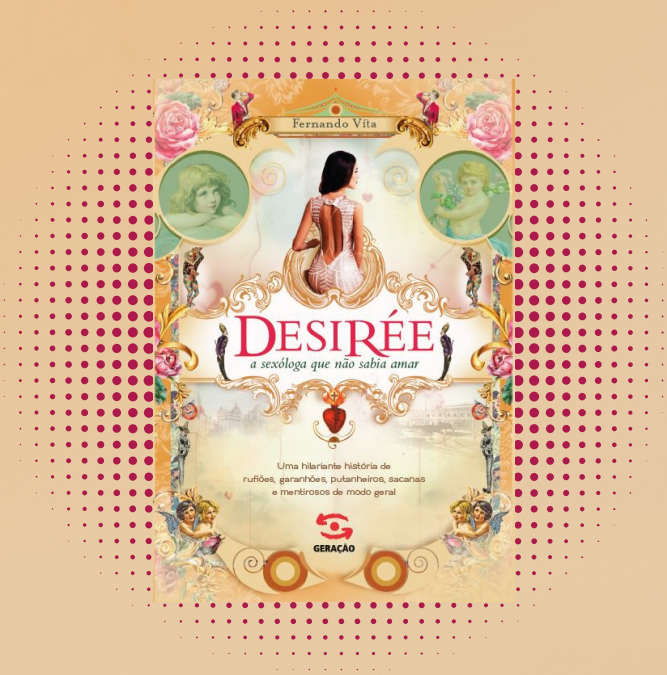
TODAVIA: *"Eu diria que Todavia é tão personagem de* ***Desirée...*** *quanto o são ela própria, a sexóloga, e a fauna que a cerca na cidadezinha distópica. O são os seus clientes e as suas fantasias; um Inglês devasso e misterioso; um monsenhor pouco ortodoxo; um poeta parnasiano e onomaníaco; os guardados de um médico em vias de aposentadoria a beira mar; e até um gato de vida eirada, astuto que só ele, um tal de Bangu.*

REAIS E IRREAIS: *"Alguns dos meus personagens aparecem na trama com seus reais nomes, sobrenomes, CPFs, endereços, DNAs e tudo mais. Outros tantos pintam e bordam com nomes fictícios, mas que possibilitam ao leitor medianamente atento aos fatos narrados, por ilação, descobrir de quem se trata. Os franceses têm até um nome pomposo e faustoso para esse tipo de artimanha literária – roman a clef - de que se valem autores meio covardes, como eu, que por disporem de cu têm medo, medo de levarem porradas e processos pelos cornos. Não é a primeira vez que faço uso desse recurso dos frouxos das letras, dos carentes de colhões que escrevem o que quer de seja, de livros a panfletos, de epitáfios a discursos empolados. O fiz pelo menos nos meus três livros anteriores, o* ***Cartas Anônimas****,* ***O avião de Noé*** *e* ***República dos Mentecaptos****. Asseguro-lhes que por eles não levei porradas nem processos e, de quebra, se sucesso eles não fizeram, pelo menos posso posar de porreta: sou um romancista a clef!"*

POR QUE RIDE, PAGLIACCIO? *"Alguns poucos e solidários amigos, a quem coube o inglório e impagável sacrifício de ler, em primeira mão, os manuscritos de* **Desirée, a sexóloga que não sabia amar***, estranharam que o seu autor não se leve a sério como escritor, se automenospreze, ridicularize-se mesmo a si próprio, numa espécie de masoquismo literário pouco encontradiço nos tempos de hoje. Em preito de gratidão aos que sofreram, por fidalguia e amizade, ao ter que manusear, ainda em estado bruto, os originais, que, ainda agora, em estado líquido e certo de livro já se encontram, esclareço que sou assim mesmo por vício de origem; descendo de uma família de oriundis, carcamanos da melhor cepa, vindos, filhos ou netos, de avô anarquista, e que anarquistas – graças a Deus! – também se tornaram em sua maioria, de sorte, ou de azar, que até em memória do Vita velho, que foi a matriz dos demais, levar seriedade à vida, nem pensar!, sendo importante ressaltar que quando o velho Vita queria manifestar-se em protesto por qualquer razão, não o fazia por palavras ou gestos, mas pura e simplesmente por atos: disparava carretilhas de peidos ruidosos, estivesse quem estivesse por perto, e aí o protesto, a indignação e o inconformismo se manifestavam. Não cheiravam mal, os puns do meu avô! Os diria até absolutamente inodoros! Mas, faziam um esporro da zorra, semelhava o esporro ao matraquear das metralhadoras do tipo ponto sete que tanto ouvimos matraquear nas favelas do Rio, nos morros e encostas de Salvador, nas guerras do mundo todo. Dito o que, levar-se a sério, pra quê?*

NOTAS SOBRE FERNANDO VITA

Fernando Vita nasceu em Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo baiano, em 22 de dezembro de 1948. Lá iniciou os seus estudos. Mudou-se em 1965 para Salvador e em 1973 formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Iniciou sua vida profissional no extinto Jornal da Bahia, onde foi repórter, editor e crítico musical. Foi repórter da sucursal baiana do Correio da Manhã e freelance do Jornal do Brasil e das revistas Veja e Istoé/Senhor. Nos anos oitenta escreveu crônicas semanais para o jornal A Tarde e para o semanário Pasquim. Em 2006, com o romance ***Tirem a doidinha da sala que vai começar a novela***, Vita recebeu o Prêmio Braskem Cultura e Arte e teve o seu primeiro livro publicado pelo selo Casa de Palavras, da Fundação Casa de Jorge Amado e hoje disponível apenas no formato e-book. Pela Geração Editorial, lançou em 2011 ***Cartas Anônimas, uma hilariante história de intrigas, paixão e morte***; em 2016, ***O Avião de Noé, uma hilariante história de inventores, impostores, escritores e outros malucos de modo geral***; e em 2019, ***República dos Mentecaptos, uma hilariante história de mandriões, cortesãs, espertalhões e certos valdevinos de modo geral***.



LEIA CAPÍTULOS DO LIVRO

Credenciais de doutora escolada em clínica médica, psicológica e sexológica apostas em placa afixada à parede frontal da casa; sofá, mesinha de centro e cadeiras bem simples, mas confortáveis, numa antessala de recepção; uma atendente de sorriso empaticamente gentil, sentada a uma secretária de mogno, com tampão revestido de fórmica azul, coberto por vidro grosso e transparente, sob o qual se viam um calendário de bolso anual da Esso, santinhos de devoção da ocupante da mesa, estes em gravuras policrômicas que a afamada pomada para espinhas da marca Minâncora fazia distribuir, como propaganda e à mancheia, nas farmácias e bodegas.

Aqui e ali algumas pontas de papel com lembretes escritos; uma pilha de revistas aleatoriamente expostas em um cesto de vime — O Cruzeiro, Manchete, Fatos e Fotos, Capricho, Sedução, Sétimo Céu, O Tico-Tico, Revista do Rádio e O Sesinho; uma cuspideira de louça a um canto bem visível, eis o quase tudo que estava a esperar os clientes da doutora Desirée D'Anunciação dos Prazeres, porque em cômodo anexo, que antes antigos moradores desfrutaram na condição de aprazível quarto de alcova, foi instalado o seu gabinete de atendimento, onde se descobre, em rápido espiar, uma outra secretária de mogno, com igual acabamento de fórmica branca no tampo, vidro leitoso sobre ele sem nada de visível por baixo; uma maca, duas cadeiras de sentar, mais uma outra de espaldar alto por detrás do bureau, e por trás dela, em ponto bem visível da parede, o diploma conferido à médica pela veneranda Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia; não vamos deixar, contudo, na ânsia desenfreada de descrever pormenores talvez dispensáveis da arrumação do local de trabalho de Desirée, de assentar outros poucos, estes indispensáveis: Olinda Helena chamava-se a atendente; na poltrona de espaldar alto sentar-se-ia sempre e tão-somente a jovem médica; havia, vale ser dito, campainha de metal com som de sininho a ser acionada para fazer entrarem os clientes assim que eles se dessem à honra de aparecer, e eis o primeiro deles que acaba de ser anunciado, um formidável de nome Clinésio Queiroz, gordo e tímido maçom, passado dos sessenta de vida, cabelos cocô de rola artificialmente tingidos de preto, dono de uma loja de tecidos e coisas de armarinho na praça da feira, antecipou tais informes Olinda Helena ao anunciar a sua inaugural entrada, temos aí o primeiro cliente de Desirée em Todavia, e que não seja o último, que esta prosa não pode e nem deve parar por aqui, num Clinésio maçom e tímido qualquer, que deu bom-dia e sentou-se diante da médica, não sem antes apertar-lhe a mão direita com algum recato, desejar-lhe boa sorte e informar chamar-se Clinésio: "não creio ter a senhora ouvido meu nome antes"; "ouvi", assegurou-lhe a profissional da saúde; "Olinda Helena já mo antecipara pouquinhos segundos atrás; o meu é Desirée, D'Anunciação dos Prazeres se lhe carece saber, senhor Clinésio, todo, por inteiro; faça-me um favor: sente-se bem à vontade e me diga o que o traz aqui". E Clinésio, já assentado, o disse, pespontando, aqui e ali no transcorrer da fala, pausada e monocórdica, ser um camarada de saúde perfeita — uns poucos achaques de azia e flatulência tão-somente quando abusava de fatadas, feijoadas, sarapatéis ou rabadas —, afora isso, nada de relevo a registrar; a razão da consulta não residia nele, mas na sua legítima esposa, de nome Adélia; "pois não", aceitou a médica, "e o que ela sente?", quis saber; "não, ela não sente nada, doutora", apressou-se em responder Clinésio; "a questão é justamente outra"; e ela: "qual é?", indagou; Clinésio deu uma girada angular de muitos graus em seu pescoço grosso para assegurar-se de que ninguém, além deles dois, participava da tertúlia: "deixe que eu lhe conte, se a senhora dispõe de tempo e paciência para me ouvir". E contou. E Desirée anotou o que ouviu, em letra de forma de irrepreensível caligrafia cursiva, raramente encontrável em doutores médicos, em sua maioria ágeis garatujadores de indecifráveis receitas e diagnósticos, para o maior desespero de farmacêuticos, laboratoristas de analisar merda e que tais, em fichas de cartolina pautadas por linhas horizontais bem visíveis escreveu a doutora Desirée, eis a seguir o inteiro teor do seu primeiro e proficiente prontuário médico produzido em Todavia, dê-me o apressado leitor tempo minguado apenas para que a doutora o passe a limpo, sem borrões ou deslizes gramaticais, e eu dele tome legítima posse, não posso brincar com coisa séria, e prontuário é sempre e, por demais, coisa muito séria, seja ele médico, político, policial ou profissional é desnecessário dizer, quanto mais escrever.

O indivíduo Clinésio, de sobrenome apenas Queiroz, por ser filho natural de mãe já falecida e não saber nomear a graça do pai, tem sessenta e oito anos a completar mês que vem, mede calculados um metro e sessenta e sete de altura em corpo que estimo pesar cerca de cento e dez quilos (adquiri para o gabinete uma balança antropométrica Filizola na firma Barros & Cia. na Bahia, mas estou a carecer de portador que a me traga de lá), não apresenta problemas visíveis a olho nu e nem acusa sintomas de nenhum mal que lho acometa, a não ser uma obesidade apreciável mesmo se fosse ele duas vezes mais alto do que é (candidato em potencial a males cardiopáticos ou a outras várias patogenias comuns aos gordos, registro e até aposto, no futuro!), diz vir falar da esposa de nome Adélia, com quem vive maritalmente há mais de quarenta anos, e com jeito tímido me conta que sempre foi zeloso com ela nas práticas da cama, vez que tinha por dever prezar e respeitar as convicções e tradições religiosas da consorte, membro da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, hoje já mãe de filhos e avó de netos, mas que ele, Clinésio, desde os tempos de namorado e de noivo da dita Adélia sempre lhe apreciou em respeitoso mas desejoso silêncio o que ele assim designou de traseiro, daí que já casados e mais aparelhados nas artes das brincadeiras de homem e mulher, sondou-lhe em certa tarde de domingo a possibilidade de tê-la por detrás, tendo a madame tomado um susto muito grande e dito "oxente", levando-o a justificar-se, então, como escapatória, que era apenas um chiste, uma pilhéria, mas que tendo sempre ouvido dizer, por bocas alheias, notadamente de uns e outros – irmãos da maçonaria ou não! – muito mais achegados que ele próprio à putaria e a cu de gente, que forma de pica seria cu, porque se forma de pica fosse boceta, pica teria a forma de peixe e não a formatação que tem desde que o mundo é mundo, decidiu por passar tal assunto a limpo, na prática, indo de pica ao cu da esposa; então eu, como médica, me choquei com o linguajar coloquial do meu primeiro cliente, mas como sexóloga dei-lhe corda, deixei-lhe à vontade no seu relato, que para não se tornar imenso, aqui, no prontuário, eu o abrevio, registro que de tanto pedir para ir por trás em Adélia, Clinésio obteve êxito, ele apreciou a experiência, ela nem tanto, falou de dor intensa nos anais do furico – e de novo uso, sem pôr aspas nem outros adornos, o palavrear do meu cliente –, eu então intervi, para demonstrar meu saber de ciência, no procto, o senhor quis dizer, o cliente estranhou, como era natural fazê-lo, que cu tivesse também esse apelido de procto, ele que os já tem tantos, e daí eu fiz-lhe um breve enunciado sobre a prática do sexo anal, desde os tempos em que a Santa Madre Igreja tratava ânus por vaso nefando até os dias atuais, os seus prós e contras, cuidados e cautelas, ele atento por demais à minha explanação, a ponto de tomar notas no verso de um papelzinho pardo que me pareceu ser uma pule do jogo do bicho, ao fim e ao cabo eu lhe indaguei, então, o porquê do seu desassossego, e ele mo disse o que se segue: "doutora, é que agora dona Adélia só quer que eu lhe frequente o segundo distrito!" Segundo distrito, agora assustei-me eu, ao imaginar que a sodomia do casal tinha chegado às raias policiais! Mas o meu primeiro cliente em Todavia foi safo em me tranquilizar: "segundo distrito, doutora, é como a minha patroa, desde que me cedeu a cauda pela primeira vez, apelidou o seu próprio cu!", ocorrência que teria causado forte comoção no senhor Clinésio, já que ele, nas práticas tão naturais de marido e esposa – assegurou com ares deveras preocupados –, sempre buscou com denodo as ter outras bem diferenciadas das que costumava praticar quando ia às putas; "puta é puta, esposa é esposa, doutora", acentuou; "a senhora mesma que estudou muito mais que eu bem sabe disso, olhe que eu até busquei sempre não caprichar muito em meus chamegos antes das trepadas com Adélia para que ela não passasse a gostar a mais da conta dessas coisas que se chamam de sacanagem, que o ato de gostar, doutora, quando é demais, vicia". Agradeci-lhe a confiança e a clareza do relato e solicitei-lhe que agendasse, à saída, uma consulta para dona Adélia. Ele aprovou, com um menear de cabeça, a minha sugestão. Antes de deixar a minha sala, um cerimonioso Clinésio externou não disfarçada preocupação, não dissimulado temor, de que Adélia, desde os tempos de solteira, já fosse useira e vezeira nas práticas do sexo anal.